

Etel e o Velho

Etel and the Old Man

IVY JUDENSNAIDER

Economista e mestre em História da Ciência. Escritora e professora do curso de Ciências Econômicas na UNIP/Campus Marquês (São Paulo)

ETEL SABE QUE O RELÓGIO SÓ FUNCIONA POR CAUSA DO VELHO: É NECESSÁRIO dar corda, acertar o gabinete na parede e programar o badalo para tocar na exata hora. Antigo relógio, ele geme um pouco antes de parar, e, quando finalmente para, o silêncio traz a Etel a lembrança da própria preguiça e do passar do tempo. Está na hora de o Velho visitá-la. *Estava com saudade, papai.* Ele a beija e diz que gosta de passear, não importando atravessar toda a cidade apenas para vê-la e para dar corda no relógio. Ele adora dirigir e avisa que jamais deixará de dirigir, não o incomodando a velhice, a falta de reflexos, a deterioração da visão e dos movimentos. O Velho ergue os ombros com indiferença e fala do seu pai, da força e da saúde do seu pai, da saudade que sente do seu pai. *Você está falando do vovô, papai?* A velhice deu isso a ele, essa capacidade de se desligar do tempo e misturar presente e passado: o Velho vive na névoa e, às vezes criança, em outras um senhor idoso e cambaleante, ele narra a história de sua vida.

Ao dar corda no relógio, o Velho lamenta. Conta do seu avô e da aldeia próxima ao Rio Prut, na região da Romênia. Conta da Marcha da Morte ordenada pelos nazistas. Conta que o avô, cansado de andar, desistiu e rolou ribanceira abaixo, junto com a trouxa que carregava nos ombros. O Velho conta e suspira. Segurando as mãos de Etel, assustado e quase chorando, ele diz não ser justo morrer desse jeito. *Você não vai morrer desse jeito, papai. Vai morrer numa cama quentinha, cercado de enfermeiras, ou na tua casa, dormindo.* Depois, ele lamenta a impaciência do filho no restaurante de beira de estrada: a pamonha comprada não tinha a consistência ideal. Pelo menos, no chão, alimentaria os pombos, coitados, mortos de fome. O Velho ergue os ombros novamente: e daí que a sujeira escorria pelo chão, emporcalhando tudo?

A corda já está no fim, completamente esticada, e o relógio volta a funcionar. Está desalinhado e, desse jeito, vai acabar atrasando, o Velho diz. Com um lápis, ele marca o exato ponto em que o canto esquerdo do gabinete deve ficar. São muitos os pontos marcados a lápis na parede, mas o Velho não repara. Agora, ele relembra os tempos em que a gasolina era barata. Naquele tempo, ele dirigia o imenso Aerowillis azul claro. *Eu lembro, papai. Azul claro, com bancos estofados. E a chapa do carro era BI 3377.* O Velho se espanta: como a filha conseguia lembrar a chapa do carro se ele, o dono, há muito já havia esquecido? Etel então fala sobre as viagens pelo Brasil, sobre as paisagens maravilhosas e sobre o Rio de Janeiro. *O Corcovado, a Barra da Tijuca, o restaurante em Copacabana, as butikues de roupa... Mamãe adorava o Rio de Janeiro, lembra? Oito horas de viagem pela Dutra, o restaurante que servia frango assado e as muitas paradas para a gente ir ao banheiro. Nós viajavamos ainda de pijama, papai. Você nos tirava da cama de madrugada para que pudéssemos chegar ao Rio na hora do*

almoço. Você lembra, papai? O Velho comenta sobre o hotel em que ficavam hospedados no Flamengo, e ela traz as fotos. O Velho diz: gostava também das viagens nas excursões, ônibus fretado e roteiros intermináveis.

O Velho acompanha pelo relógio de pulso o marcar dos minutos do relógio da parede. Está tudo em ordem, ele fala. Sentado no sofá, ele pede um café. Remexendo nas fotos, ele encontra uma antiga, ele e sua família ainda na Europa. O Velho conta: a família vivia na cidade de Novoselytsia, na Ucrânia. *Romênia ou Ucrânia, papai?* Às vezes Romênia, às vezes Ucrânia, ele explica. Etel procura na internet e mostra imagens recentes de Novoselytsia. Não, o Velho diz, essa não é a cidade em que nasci. Etel procura outras imagens que possam fazer sentido ao Velho, mas desiste. *A tua Novoselytsia não existe mais, papai.*

O badalo do relógio avisa as horas. O Velho se levanta e diz adeus. *Fica mais um pouco, papai.* O Velho resmunga: ele tem coisas a fazer e Etel tem uma família para cuidar. Ele promete: voltará antes de a corda acabar novamente. Etel o abraça,

com força. *Acho bom você voltar. Não sei dar corda no relógio e, se você não vier, nunca mais conseguirei saber as horas.*

Ele se despede e parte. Etel se pergunta: *foi a última vez, papai?* Em silêncio, observa o relógio e fica na dúvida: deve rezar para que os minutos passem com pressa para que ele volte e dê corda outra vez, ou deve rezar para que o tempo congele, aprisionando o Velho para sempre à direção do carro que ele tanto ama dirigir? Com as fotos na mão, ela o procura: no Corcovado, no Morro de Santa Tereza, na Barra da Tijuca, no restaurante em Copacabana, em Foz do Iguaçu, no Guarujá, em Santos, em Poços de Caldas, em Serra Negra, em Lindoia. *Cadê você, papai?* Etel procura o Velho e não o encontra. Espantada, liga para o irmão. *Por que o papai não aparece nas nossas fotos?*

Apenas à noite, já prestes a dormir, ela entende: o Velho está, como sempre esteve, por trás da câmera fotográfica, registrando o passado para que ela possa recuperá-lo e dele se lembrar. Ele está lá, fotografando o tempo que o relógio, mais uma vez, anuncia no badalo das horas.